

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
DO OUTRO LADO DO ESPELHO
20 de agosto de 2022

LADY IN THE LAKE / 1946

(*A Dama do Lago*)

Um filme de Robert Montgomery

Realização: Robert Montgomery / **Argumento:** Steve Fisher e (não creditado) Raymond Chandler / **Fotografia:** Paul C. Vogel / **Música:** David Snell / **Montagem:** Gene Ruggiero / **Interpretação:** Robert Montgomery (Phillip Marlowe), Audrey Totter (Adrienne Fromsett), Lloyd Nolan (Tenente Degarmo), Dick Semmons (Chris Lavery), Tom Tully (Capitão Kane), Leon Ames (Derace Kingsby), Jayne Meadows (Mildred Havelend), Morris Ankrum (Eugene Grayson), Lila Leeds (repcionista), William Roberts (artista), Kathleen Lockhart (Mrs. Grayson), Ellay Mort (Chrystal Kingsby).

Produção: George Haight para a M.G.M, / **Cópia:** 35mm, preto e branco, com legendas eletrónicas em português, 101 minutos / **Estrela Mundial:** Nova Iorque, a 20 de Novembro de 1946 / **Estreia em Portugal:** S. Luiz, a 29 de Junho de 1948.

A sessão tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo de 15 minutos

Lady in the Lake começou a ser escrito antes de **Murder my Sweet/Farewell my Lovely**. Poderia ter sido, de facto, o segundo romance de Chandler se não tivesse sofrido várias interrupções devido a faltas de inspiração do autor. **Lady in the Lake** começou a ser escrito a 13 de Março de 1939 (segundo a excelente biografia de Chandler por Frank MacShane) "canibalizando", como era um hábito de Chandler, duas novelas já anteriormente vindas a público. Neste caso, "Bay City Blues" publicada no "Dime Detective Magazine" de Junho de 1938 e "The Lady in the Lake", na mesma revista de Janeiro de 1939. Embora Chandler tenha adoptado o título da novela para o romance, na sua forma definitiva, o processo da sua escolha seguiu uma evolução semelhante ao de **Farewell my Lovely**. **Lady in the Lake** começou por se chamar "Law is Where You Buy It", passando, após a primeira interrupção, para "The Girl From Brunette's". Foi neste momento que Chandler o interrompeu para escrever, de um fôlego, o primeiro esboço de **Farewell...** Ao regressar ao anterior, a meio do ano, foi-lhe dando sucessivamente os títulos de "The Golden Anklet" e "Deep in Dark Waters", antes de voltar ao primitivo, "Law is Where...". Poucos progressos fez. **Lady...** avançava com dificuldade e antes de completá-lo (a primeira edição data de Novembro de 1943) Chandler escreveu ainda **The High Window**. **Lady in the Lake** acabou por se tornar, cronologicamente, o último romance de Chandler deste período que foi, também, o mais produtivo. Mas a verdade é que a longa gestação do romance não foi benéfica para o resultado final, mesmo que tenha sido o que alcançou maiores vendas na época. **Lady...** acusa o desequilíbrio afectivo de Chandler ao longo desses anos e é considerado como o mais pessimista dos seus livros, o menos divertido. Como MacShane refere, "não temos intriga sentimental, nem uma loira bonita para distrair Marlowe". Além disso, o que lhe dá um tom socialmente mais sombrio é que o seu meio é o da classe média, o dos que trabalham para o sistema e não o dos que o dirigem (os milionários de **The Big Sleep** e **Farewell**) e está, também, o que é caso raro em Chandler, marcado pelo tempo de guerra.

Considerando o tema de **Lady in the Lake**, o menos que se pode dizer é que é insólito o interesse da M.G.M. na sua adaptação. De facto, a referida ausência de romantismo e o próprio ambiente e personagens da obra de Chandler estão quase nos antípodas de estilo de produção da companhia do leão. Talvez ao facto não seja estranha a influência de Robert Montgomery, um dos grandes nomes da companhia para a qual sempre trabalhara desde o início da sua carreira cinematográfica. O peso de Montgomery não era de desdenhar visto que de 1934 a 1938 fora presidente do Sindicato dos Actores de Cinema (que parece ser um bom trampolim para uma carreira política. Montgomery nos anos 50 enveredou também pela carreira diplomática sendo conselheiro de Eisenhower. Um outro dirigente do Sindicato seria Ronald Reagan) e acabara de voltar da guerra onde estivera ao serviço da Marinha, tendo substituído John Ford, enquanto este estivera doente, nas filmagens de **They Were Expendable**. Já desde 1938 que Montgomery desejava realizar um filme feito "na primeira pessoa do singular", isto é, a câmara subjectiva. Era essa também uma ideia de Orson Welles que esteve para experimentá-la no que poderia ter sido a sua primeira longa-metragem: a adaptação de "Heart of Darkness" de Joseph Conrad, em 1940. Welles desistiu da ideia e, em 1945, a M.G.M, resolveu dar a oportunidade a Montgomery. Mais tarde Chandler troçaria em grande estilo do "método" da câmara subjectiva utilizado por Montgomery, afirmando: "Trata-se de um velho truque de Hollywood. Todos os jovens argumentistas ou realizadores o quiseram utilizar... Era assunto de conversas durante os almoços na mesa dos argumentistas."

A M.G.M. pôs um certo cuidado na adaptação de **Lady in the Lake**. Para isso convidou o próprio Chandler a participar na elaboração do argumento. A Paramount, que o tinha sob contrato, não se opôs e os trabalhos começaram em Julho de 1945. Os conflitos que se levantaram entre Chandler e a M.G.M. radicaram, na impossibilidade do escritor se submeter, por um lado à burocracia do estúdio, por outro, em seguir ele próprio, a sua história, perante o desespero do produtor George Haight que lhe suplicava para guardar algo do romance, a que Chandler respondia dizendo que era mais simples escrever algo de novo. No fim do contrato de treze semanas Chandler deixou um argumento incompleto que seria terminado por Steve Fisher (o único nome creditado no genérico dado que Chandler considerou o argumento tão mau que recusou dar-lhe o seu nome). No fim de contas **Lady in the Lake** foi um êxito comercial (mais devido à novidade do processo que ao filme em si) de tal modo que no seu regresso à Paramount este estúdio sugeriu-lhe tornar-se realizador-argumentista como Billy Wilder, o que Chandler recusou para não ficar inteiramente preso a Hollywood.

"Se na novela nada explica o interessa da M.G.M. dado que "a priori" se tratava de um tema mais indicado para a Warner ou a Columbia, no argumento procedeu-se às alterações necessárias para que ela se enquadrasse no "estilo" Metro. O filme bem poderia chamar-se "Meet Marlowe in St. Louis" ou "Um Crime no Natal" para dizer com a atmosfera. O genérico é do mais puro estilo Metro: cartões de boas-festas natalícios apresentam a ficha técnica e artística e esse mesmo clima está presente ao longo de todo o filme de tal forma que esperamos, sempre que se abre uma porta, surpreender Mickey Rooney e Judy Garland num dueto. Isto, no fim de contas, serve para mostrar como naquele tempo cada estúdio tinha o seu estilo próprio, inconfundíveis e, às vezes (como é este o caso) incompatíveis. **Lady in the Lake** seria praticamente a única incursão da Metro no género "negro" no ano em que este se afirmou (com **Lady...** aparecem em 1946 alguns títulos míticos como **The Big Sleep** de Hawks, **Gilda** de Charles Vidor e **The Dark Corner** de Hathaway). Quando a ele voltou foi para fazer o elogio fúnebre no genial "Girl Hunt" dançado por Fred Astaire e Cyd Charisse em **The Band Wagon**.

O "tour de force" de **Lady in the Lake** é a sua utilização da chamada "câmara subjectiva". Como experiência o filme de Robert Montgomery só tem paralelo, no seu tempo, no filme de Alfred Hitchcock, **The Rope**, salvas as devidas proporções pois apesar de se tratar também duma experiência falhada, **The Rope** era um filme que se construía como uma peça teatral em que o espectador tomava o lugar da câmara como testemunha independente. O grande óbice do filme de Montgomery é que ao identificar a câmara com o detective, retirando a este a presença física,

deixa o espectador incapaz duma identificação. Ele não pode sentir as emoções duma presença invisível por mais que a câmara estremeça. Mesmo na sequência do beijo quando Andrey Totter avança o rosto para ser "beijada" pela câmara-Marlowe-espectador, a que se segue o escurecimento alusivo ao fechar dos olhos. E apesar dos esforços do operador resulta hoje penoso acompanhar os movimentos da câmara que simulam os olhares de Marlowe a que acresce um inconveniente de vulto: a ausência do campo-contracampo dá origem a planos sequência cansativos visto que todos os personagens aparecem em pose de retrato diante da câmara. Há porém, a destacar nestas sequências algumas ideias curiosas: uma delas será a aparição de Marlowe nos espelhos, uma técnica já velha para evitar o campo-contracampo entre dois personagens, mas principalmente os cortes imperceptíveis (ou quase) feitos no mesmo movimento da câmara e que, podendo-se comparar às "piscadelas" das pálpebras, servem para mudar de plano. Mas o estilo tornou-se, a curto prazo, cansativo, o que se deve ter tornado consciente para o próprio Montgomery, na medida em que por duas vezes (sem contar o prólogo e o epílogo) ele vem interromper a acção para fazer um balanço do que acontece. O que também não favorece o filme na medida em que corta a progressão dramática.

No fim de contas **Lady in the Lake** vale essencialmente como experiência, até porque exhibe, de forma clara os seus erros e limites. E como experiência serviu tanto para Montgomery como para outros realizadores (mas seria injusto esquecer também a influência da sequência "subjectiva" de **Murder my Sweet**). Abandonando o exercício de estilo, Montgomery usaria no momento certo e com grande sentido de oportunidade, o plano subjectivo no seu filme seguinte, e o melhor (**Ride the Pink Horse/Do Lodo Nasceu uma Flor**), quem o viu recorda a insólita cena em que se avaria o aparelho auditivo de um personagem ficando o filme durante esse tempo sem banda sonora. Por outro lado, o melhor exemplo de câmara subjectiva nestes tempos encontra-se nos primeiros 20 minutos de **Dark Passage** de Delmer Daves.

Se praticamente todo o filme está datado, ele apresenta ainda hoje alguns momentos curiosos com destaque, em especial, para a perseguição de carro ou o plano em que Degarmo (o polícia corrupto) lança o álcool sobre o corpo de Marlowe. O resto é um cansativo anacronismo que dificilmente se suporta e que, também dificilmente, tem a ver com Raymond Chandler

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico